

Diario de Bordo

Em vistas do grande fracasso que foi apresentar a ideia de perguntar aos residentes o que pensam dos conceitos que rodeiam minha pesquisa, decidi mudar a forma com a qual irei conduzir minha investigação. Primeiramente, tornou-se evidente a necessidade de parar de querer incluir todas as residentes nesta pesquisa. Será muito mais agradável, eficiente e coerente focar minha observação naqueles que tiver mais por perto.

En este diario de a bordo, se documentará únicamente la realidad y nada más que la verdad. Centrándose en los acontecimientos y aspectos elementales y de suma importancia para la Residencia en su conjunto. Yo, como investigadora doctoral, museóloga, científica social, sociomuseóloga e historiadora del arte, demuestro aquí mi compromiso con la ciencia y la historia.

Extractos de lecturas que realizó durante la residencia. Textos que aborden las relaciones entre ecología y colonialidad.

**“A inconsistência pode ser uma metodologia de documentação.
A intuição também é uma metodologia de trabalho”**

19.03.2024

Llego a Pamplona. Estoy cansada del viaje pero con ganas de descubrir los tesoros y las maravillas que estas tierras lejanas tienen a ofrecer. Por ahora ya puedo afirmar, que sus gentes así como sus paisajes, son de mi agrado.

21.03.2024

Hoje os residentes se apresentaram uns aos outros. Fizemos uma dinâmica na qual nos transformamos uns nos outros para poder assim nos apresentarmos sem os receios de perder a modéstia. Eu fiz a dinâmica com a Ghislaine Verano. Acho que nos perdemos bastante em nossas próprias histórias pessoais e esquecemos de falar do nosso trabalho. Acho que isso deve ser algo bem decolonial. Esquecer de se elogiar profissionalmente e ao invés se abrir para um estranho e chorar ao falar dos traumas da infância. Eu chorei. Ghislaine ficou forte.

22.03.2024

Eu acho que conseguia aprender mais sobre os residentes quando eles apresentavam os demais do que quando eram apresentados. Ao prepararmos estas apresentações, o que lembramos, o que decidimos anotar e falar do outro, diz mais sobre nós do que sobre eles. O que nos chama a atenção diz muito sobre nós.

Esta noche tuve la magnífica oportunidad de acompañar de cerca un ritual religioso local totalmente desconocido para mí. Los practicantes de esta extraña religiosidad, se reúnen por las calles y sujetando velas muy largas andan en grupo entre familiares y cercanos. Desconozco los detalles por detrás de esta manifestación religiosa.



23.03.2024

Comecei a ler um livro que o Ian trouxe para a residência. O nome do livro é “Uma ecologia decolonial” e foi escrito por Malcom Ferdinand. Deixo aqui uns trechos do livro:

A ecologia decolonial é um grito multissecular de justiça e de apelo por um mundo. p.37

Partindo da pluralidade constitutiva das existências humanas e não humanas na Terra, das diferentes culturas, tomar o mundo como objeto da ecologia é trazer de volta para o centro a questão da composição política entre essas pluralidades e, portanto, de um agir conjunto. Essa abordagem política do mundo, no sentido grego

de pólio, tira a ecologia da mera questão de oitos (econômica ou ambiental), pois, ainda que a Terra esteja salpicada de moradias, de espaços férteis de vida e de trocas com ela, a Terra não é a nossa casa. P. 39

A tempestade ecológica em curso revela danos e problemas associados a certas maneiras de habitar a Terra próprias da modernidade. p.47

Com seus princípios, seus fundamentos e suas formas, o habitar colonial reúne os processos políticos e ecológicos da colonização europeia. A escravização de homens e mulheres, a exploração da natureza, a conquista das terras e dos povos autóctones, por um lado, e os desmatamentos, a exploração dos recursos minerais e dos solos, elementos de um mesmo projeto colonial. A colonização europeia das Américas é apenas o outro nome da imposição de uma maneira singular, violenta e destruidora de habitar a Terra. P. 56

24.04.2024

Subi o morro com o Ian até o Forte de San Cristobal. Conversamos sobre assuntos pessoais.

25.04.2024

Por las calles de Pamplona observo una riquísima variedad de personas y estilos. Veo gente de diferentes edades y con diferentes cortes de pelo. Después de cinco días desde mi llegada, lo que antes eran meras suposiciones se han transformado en sólidas nociones sobre estas tierras. Les gusta el pan y la carne. Ambos pueden ser preparados de las más diferentes formas, pero casi siempre, estos dos elementos se repiten en las dietas de esta gente.

27.03.2024

Fuimos a los estudios de rnte en Pamplona para dar una entrevista para un programa Radio 3. Me hicieron preguntas sobre mi investigación. Eran preguntas que parecía que quien las había escrito sabía que decolonización tiene algo que ver con devolución de obras a los países de origen. Pero no es exactamente sobre eso que escribo en mi tesis. Intente explicar que en mi investigación me enfoco en el movimiento y en el gesto intencional como una posible forma de transmitir conocimiento más allá de la escritura. Los museos pueden actuar de diferentes formas con el objetivo de descolonizarse. Devolver las piezas que fueron un día robadas es una de ellas. Pero hay muchas otras cosas que también deben hacer.

03.04.2024

Entre mis últimos descubrimientos algo que con gran placer he de compartir con ustedes, mis lectores. Es el deporte local. La pelota vasca se llama. En este deporte que mucho recuerda al Tenis, al Bádminton y al Baloncesto, los jugadores tiran una pelota contra la pared. Cuando la pelota vuelve, otro jugador le pega otra vez muy fuerte con la mano. Y así sigue el juego. Se trata de un deporte histórico y de extrema importancia regional.

06.04.2024

O ponto alto deste dia foram com certeza os cogumelos. Tomamos tres cápsulas de microdosing de cogumelos. Bateu. Meu corpo primeiro ficou mole. Cuando llegamos a la casa decidimos no entrar porque la luz era muy fuerte. Por eso nos sentamos en el césped alto al lado de la casa. Era de noche pero se veía todo muy claro. Las montañas al fondo a pesar de las nubes bajas. Parecía que iba a empezar a llover a cualquier momento, pero nunca pasó. Estuvimos hablando por muchas horas. Ian e Catarina nos contaban historias de niños. So y yo nos reímos mucho. Yo de alguna forma extraña no me acordaba de ninguna de estas historias. Tal vez ahí este algo potente para pensar dentro del proyecto - la reinterpretación de cuentos de niños desde una perspectiva feminista, no binária, libertadora y contemporánea. Que enseñan estas historias hoy en día? Nada más revelan lo enferma que estaban las personas, el maltrato a los niños, etc.

07.04.2024

Hoje reli um trecho de um dos livros que trouxe de Berlin. O livro é de Leda Maria Martins. O título do livro é "Performance do tempo espiralar".

Muitos pensadores africanos acentuam a constituinte interação das pessoas com o meio ambiente, os anelos entre as dimensões física, material e a espiritual, a ideia de que há vida e existência significativa em estado mineral, na fauna, na flora, nos gases e

nas águas em seus vários estados, em todos os seres, entre eles os humanos. Essa complexa rede de pensamentos sobre o cosmos, esse



acervo de saberes, constitutivos fundamentais na cosmo percepção de mundo africana, atravessará o mar-oceano. Segundo Honorat Aguessy, para pensar "um proprium africanum deve-se ter em conta os diferentes aspectos da cultura motivados por essas três espécies de variáveis: físicas, socioeconômicas e históricas. O movimento histórico desses saberes é fundamental quando refletimos sobre o continuum africano nas Américas das tradições daquele continente. Aqui os sentidos do trânsito inter e transcultural, da cinesia, das transformações e permanências são chaves para sua apreensão. p.49

08.04.2024

Hoje almocei com a So e o Ian. Conversamos sobre astrologia. Apesar de sua tatuagem do signo libra em seu pulso esquerdo, Só demonstra estar convencida de que assim como outras instituições, a astrologia nada mais é do que uma estrutura de pensamento que se impõe a nós, ditando como devemos compreender a nós mesmos e o mundo ao nosso redor. So diz compreender minha perspectiva sobre os conhecimentos estabelecidos e institucionalizados e compreender que a astrologia como conhecimento 'marginal' poderia ser vista como um conhecimento decolonial. Ainda assim, demonstra resistência. Gosto de como So se coloca. Como So afronta algo que lhe é dito e do qual discorda. Ian diz também conhecer Susan Miller. Nós concordamos que ela é bruxona. E que como bruxona ela acerta no dia e na hora.

10.04.2024

Today, during lunch, So told me about their project. They said they are interested in a concept called "Plant Negligence", commonly known as "Plant Blindness".

Plant Blindness refers to the inability to see or notice the plants in one's own environment. The term was coined twenty years ago by two botanists, Elizabeth Schussler, of the Ruth Patrick Science Educator Center in Aiken, South Carolina, and James Wandersee, of Louisiana State University in Baton Rouge.



Carnegie Museum of Natural History
<https://carnegiemnh.org> > plant-blindness

[Plant Blindness - Carnegie Museum of Natural History](#)

They explained to me how our gaze is naturally drawn to elements in movement and with many colours. The green colour, compared to other colours, is more easily processed by our gaze, so we tend not to be surprised when we see it. The trees, as elements that do not move much, appear to be almost static and are predominantly green, are often visually unnoticed by us. This ongoing process is perceived to increase over time in the younger generation.

So mentioned that through their research they have found that “*Plant Negligence is scientifically proven* [...]”¹. Different studies have proven that when presented with different images and requested to cite all elements present in those images, the majority of people would simply forget to mention the trees or vegetation in those images.

Plant blindness was described by Wandersee and Schussler (1999) as the inability to notice plants in one's environment, recognize their importance or appreciate their unique biological features. One of the major symptoms of plant blindness is the tendency to overlook plants, either because of a lack of knowledge about these organisms, their visual homogeneity, their generally non-threatening nature or the lack of visual cues such as movement or rapid changes (Wandersee & Schussler, 1999, 2001).² (Balas, B., & Momsen, J. L., 2014)

I'm not impressed by the fact that So, as a graphic designer, would be intrigued by visual perception and how colours, movement, and stillness in images create different reactions in our neural system. It's no surprise that the project they would develop during the residency would be influenced by this social symptom or social process.

So mentioned that the motivation for starting this research project began during a walk with the other residents through Los Jardines de la Taconera Park. During this walk, in which I was also present, Isabel asked us to observe our surroundings and identify which tree was different from the others and explain why. We all looked around but couldn't discern a particular tree or provide a justifiable argument to differentiate one from the others.

¹ “Scientifically proven .. and whatever that means”- Dias, So (2024)

² Balas, B., & Momsen, J. L. (2014). Attention “blinks” differently for plants and animals. CBE: Life Sciences Education, 13(3), 437–443. <https://doi.org/10.1187/cbe.14-05-0080>

We were then prompted to look around once more and this time to see if any trees had leaves. Only one tree had leaves. It was late winter, early spring. As Isabel shared with us, every year, for many years, there is one tree in Jardines de la Taconera that blooms before all the others. And there it was—the only tree with leaves that day.

So was completely amazed by the fact that they hadn't noticed there was only one tree with leaves, realising that they, like all of us in that group, suffered from Plant Blindness.

A few days later, all the trees around bloomed.

The plant also competes with other native plants by monopolizing resources like shade, sunlight, and ground nutrients. Because of the large surface area, the leaves pose a significant fire hazard if placed near flammable substances.

11.04.2024

Today, while drinking a beer with Ian and So we had a very interesting conversation about the exhibition that opens tomorrow. The exhibition “Exotic” by Monika Aranda consists of an art installation with hundreds of Cortadera de la Pampa (Cortaderia Selloana) placed in the middle of one of the main rooms of the Museo de Navarra, an art museum in a magnificently stonish XVI century Palace in the middle of Pamplona. The exhibition aims to raise awareness about the existence of this invasive species, which has been threatening the diversity of the Spanish ecosystem, especially in Cantabria, where the plant has been reproducing itself unstopably. It seems like this beautiful plant is incredibly strong and contains over one million seeds in every single stem, ready to spread and impose itself among others.

Throughout the past week, many times, when the project was presented to us, the term ‘coloniser’ was used to refer to this plant.

Cortaderia selloana 🌐 31 languages ▾

Article [Talk](#) Read [Edit](#) [View history](#) [Tools](#) ▾

From Wikipedia, the free encyclopedia

For other uses, see [Pampas grass](#).

Cortaderia selloana is a species of [flowering plant](#) in the [Poaceae](#) family.^[1] It is referred to by the common name **pampas grass**,^[2] and is [native](#) to southern South America, including the [Pampas](#) region after which it is named. It is widely distributed throughout the world as a cultivated ornamental and an [invasive species](#).

Etymology [\[edit \]](#)


Cortaderia is derived from the [Argentine Spanish](#) name 'cortadera', meaning 'cutter', in reference to its [razor sharp](#) leaf margins.^[3]

Selloana is named for [Friedrich Sellow](#) (1789–1831), a German botanist^[3] and naturalist^[citation needed] from [Potsdam](#) who worked as a plant collector in [Brazil](#).^[3] He studied the flora of [South America](#), especially that of [Brazil](#). The specific epithet *selloana* was given by [Josef August](#) and [Julius Hermann Schultes](#) in 1827.^[citation needed]

Ecology [\[edit \]](#)

The native range of *C. selloana* includes [Argentina](#), [Bolivia](#), [Brazil](#), [Chile](#), [Paraguay](#), and [Uruguay](#). This region is dominated by tropical forests and grasslands, but *C. selloana* is typically restricted to moist soil within [riparian areas](#). It is found at lower elevations and at moister sites than the closely related *C. jubata*. It requires areas with plentiful light and soil moisture. It is capable of long-distance dispersal and uses this ability to colonize disturbed areas such as riverbanks.^{[4][5]}

Pampas grass



Inflorescences

Scientific classification ✎

Kingdom:	Plantae
Clade:	Tracheophytes
Clade:	Angiosperms
Clade:	Monocots
Clade:	Commelinids
Order:	Poales
Family:	Poaceae
Genus:	Cortaderia
Species:	<i>C. selloana</i>

The conversation interested me greatly, because Ian and So seemed very enthusiastic about a discussion on ‘colonialism’. As a researcher, it is rare to see such a topic being discussed so vividly during a happy hour.

Ian, as a young Brazilian person based in Lisbon, had a strong opinion on the problems surrounding the use of concepts such as ‘exotic’ and ‘coloniser’ to refer to an Argentinian plant that has been carried to Spain and now represents an ecological threat to the country. He emphasised that the exotic Argentinian plant was carried to Spain by Spaniards. The plant did not decide to come to Europe on its own. According to Ian, it is extremely controversial to refer to the plant as a ‘coloniser’, as it has been named repeatedly, considering that the plant has been brought against its own will. He rejected the idea of using the term ‘coloniser’ to refer to a South American plant in a European country. According to Ian, this is even more controversial when done by European people.

So, as a young Portuguese person based in Coimbra, showed excitement and approval of everything that Ian was saying.

I tried to explain to them the differences between ‘colonialism’ and ‘colonisation’ and that, despite enjoying what they were saying, I disagreed with the notion that it would be wrong to use the term ‘coloniser’ to refer to this plant or the process that this plant triggers. I argued that any kind of domination, epistemological, cultural, symbolic, territorialist, etc. can be called a ‘colonisation’.

Ian argued very well. He pointed out that we do not use ‘colonialism’ or ‘colonisation’ to refer to the Roman Empire, for example.

I think he has a good point.

15.04.2024

Every time the words 'Archive' or 'Documentation' come up in our conversations, Catarina and I exchange knowing glances. Both concepts have become our hidden secret throughout the residency. We disagree on how to utilize these terms and the rigour with which they must be applied. However, we share a common understanding of the strength that the two concepts carry within them.

It's as if both of us know that dance and performance, as words describing experience, movement, gesture, stillness, the unsaid, sound, the relationship with space, and interactions with others in that space, along with all the nuances we refer to when we say "performance" and "dance", cannot be fully captured by written language. Yet, we recognize the societal importance of archiving for memory. Documentation serves as a preservation strategy, a means to remember the completed act

The other residents don't know the importance of written documentation as a gesture that grants value. By documenting contemporary dance and performance, we negotiate with ephemerality, we play our cards against a strong adversary: time itself.

Catarina, as the director of Linha de Fuga, a dance space in Coimbra, knows the challenges of documenting dance due to its ephemerality. She is committed to documentation and is fascinated by the possibilities of exploring new ways of archiving and documenting.

In 2022, Linha de Fuga published a booklet called "Sincronario - Memory of an Ephemeral Event". In the small publication participants of the dance festival and residency documented their processes during their time in Coimbra.

In the introduction, Catarina words:

"We assume from the beginning that archiving and documenting is an act devoid of impartiality, where the archivist's subjectivity is always present, and thus, it is also a creative act." (Saraiva, 2022)

The same challenges for documenting dance and performance as an ephemeral artistic medium make me think about the challenges of documenting ecology itself, and how these are deeply related to coloniality.

1 Inicios de la Ecología

Desde la antigüedad grecolatina ya existía un interés por comprender las relaciones complejas entre los organismos y entre estos y su ambiente. En un primer momento histórico este interés se manifestó en trabajos de carácter descriptivo, así que en el siglo XVIII la principal preocupación consistía la clasificación de los organismos en un sistema taxonómico. Para dicha clasificación se observaban no sólo los caracteres externos, sino también los hábitos y características más relevantes de las especies.

3

Ecology, being the study of nature, living beings, and their environment, is strongly influenced by a European tradition related to classification, taxidermy, writing, documentation, archiving, and material collections that nowadays fill museum basements of History, Paleontology, Archaeology, Geology, Astronomy, and all other sciences. This is why I defend here the intertwined history of ecology, museums and coloniality.

This is because the traditional museum, as we know it today, originates from the Cabinets of Curiosity. The items included in these cabinets could be of natural origin (such as fossils, minerals, plants, and stuffed animals), cultural artefacts (like pieces of ancient art, sculptures, tapestries, and coins), scientific curiosities (such as scientific instruments and anatomical models), and exotic objects from other cultures or unknown lands (like artefacts from indigenous peoples, oriental pieces, and spices).

What does exotic mean actually?

The way these collections were formed, grouped, and classified was a way to control those objects and the cultures from which they originated. The method of classifying nature from these Cabinets of Curiosity is still present today in how we understand ecology, biology, etc. and all the sciences through which we naively believe we understand the world we live in.

Our Western way of thinking is still intrinsically linked to the way these Cabinets of Curiosity studied, organised and therefore, epistemologically controlled the world they supposedly were discovering.

Catarina and I are aware of this deep connection between classification and power, writing/memory and control of the narrative, and inscription in time.

This very logbook is a reference to this form of written documentation associated with the traveller, in this case, me, who arrives in a new territory and, from their perspective, apprehends the world around them.

³ HISTORIA DE LA ECOLOGÍA de Luvia Milián Reyes.
Available at: http://biblioteca.usac.edu.gt/tesis/07/07_1934.pdf

The way I counteract this colonial practice is by assuming the inevitability that my subjectivity is present in every letter that is written.

Is there any room for subjectivity within ecology?

16.04.2024

Moises, one of the members of Piparrika: "When I was a child in Congo, there was a forest where certain trees rustled in the wind, making a sound like a gentle "Shhhhhhhh," as if someone was whispering right behind me. My grandmother would warn me never to look back when I heard that sound, telling me I might become lost in the forest. She believed that the sound was the voice of the trees' souls. So, every time I had to cross that forest, fear would grip me. I walked on, determined not to look back, lest the forest spirits catch me".

17.04.2024

Hoy visité el Museo Universidad de Navarra. Jóvenes de todo el mundo se reúnen en este centro de educación para obtener títulos universitarios con los cuales podrán ejercer todo tipo de actividad laboral.

21.04.2024

Hoje foi a primeira vez que ao jogar xadrez com So, elo se sentiu realmente desafiado. So é muito bom de xadrez. Já foi professor de xadrez e sempre me ganha. Mas hoje nosso jogo realmente foi um bom jogo, - em suas próprias palavras. Enquanto jogamos, So me disse "é a primeira vez que estou a jogar xadrez com uma gaja" Gaja significa mulher em português de Portugal. Aquilo me surpreendeu bastante. Tentei lembrar se eu já tinha jogado xadrez com alguma outra mulher. E não conseguir lembrar de nenhuma.

So me convida a ler com ele uma parte do livro que está lendo de Paul Preciado "Dysphoria Mundi".

A estética petrossexoracial

Denomino "petrossexoracial" o modo de organização social e o conjunto de tecnologias de governo e de representação que surgiram a partir do século XVI com a expansão do capitalismo colonial e das epistemologias raciais e sexuais desde a Europa para a totalidade do planeta. Em termos energéticos, o modo de produção petrossexoracial depende da combustão de energias fósseis altamente contaminantes e geradoras de aquecimento climático. **A infraestrutura epistêmica dessas tecnologias de governo é a classificação social dos seres vivos de acordo com as taxonomias científicas modernas de espécie, raça, sexo, e sexualidade. Essas categorias binárias serviram para legitimar a destruição do ecossistema e a dominação de certos corpos sobre outros.** Sem uma grande massa de corpos subalternos submetidos a segmentação de espécie, sexo, gênero, classe e raça, nem o extractivismo fóssil

nem a organização da economia mundial capitalista teriam sido

PAUL B. PRECIADO

Dysphoria mundi




ANAGRAMA
Narrativas hispánicas

possíveis. Neste regime, o corpo reconhecido como humano, ao qual foi designado o sexo masculino ao nascer e que foi marcado como branco, válido e nacional, tem o monopólio do uso das técnicas de violência. A especificidade dessa violência é que ela se manifesta ao mesmo tempo como poder e prazer, como força (Gewalt) e desejo (Wunt) sobre o corpo do outro. Extração, combustão, penetração, apropriação, possessão: destruição. O patriarcado e a colonialidade não são épocas históricas que deixamos para trás, mas epistemologias, infra estruturas cognitivas, regimes de representação, técnicas do corpo, tecnologias de poder, discursos e aparatos de verificação, narrativas e imagens que seguem operando no presente.

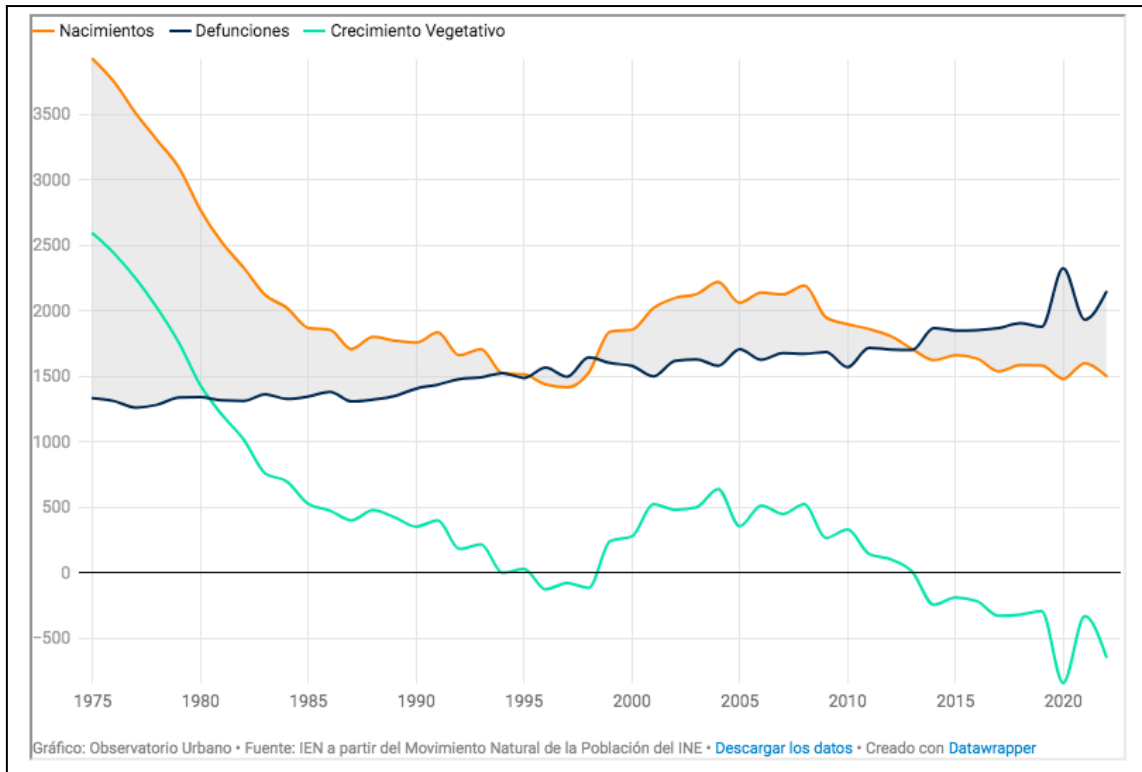
O capitalismo petrossexoracial construiu no curso dos últimos cinco

séculos uma estética: um regime de saturação sensorial e cognitiva de captura total do tempo e da ocupação expansiva do espaço, uma habituação ao ruído mecânico, ao cheiro de poluição, à plastificação do mundo, à superprodução e à abundância consumista, ao fim de semana no supermercado, à carne moída, ao suplemento de açúcar, a um acompanhamento rítmico da temporada de moda e uma exaltação religiosa da marca, uma insolente satisfação ao separar-se daquilo que foi concebido para a obsolescência programada e que pode ser imediatamente substituído por outra coisa, um fascínio pelo kitsch heterossexual, uma romantização da violência sexual como base erótica da diferença entre masculinidade e a feminilidade, uma mistura de rejeição e exotificação dos corpos antes colonizados, de terror e erotização das populações racializadas que são expulsas para as periferias pauperizadas das cidades ou para as fronteiras dos Estados-nação. Definitivamente, um gosto pelo tóxico e um prazer inerente à destruição. P. 43

23.04.24

Datos de la página del ayuntamiento⁴

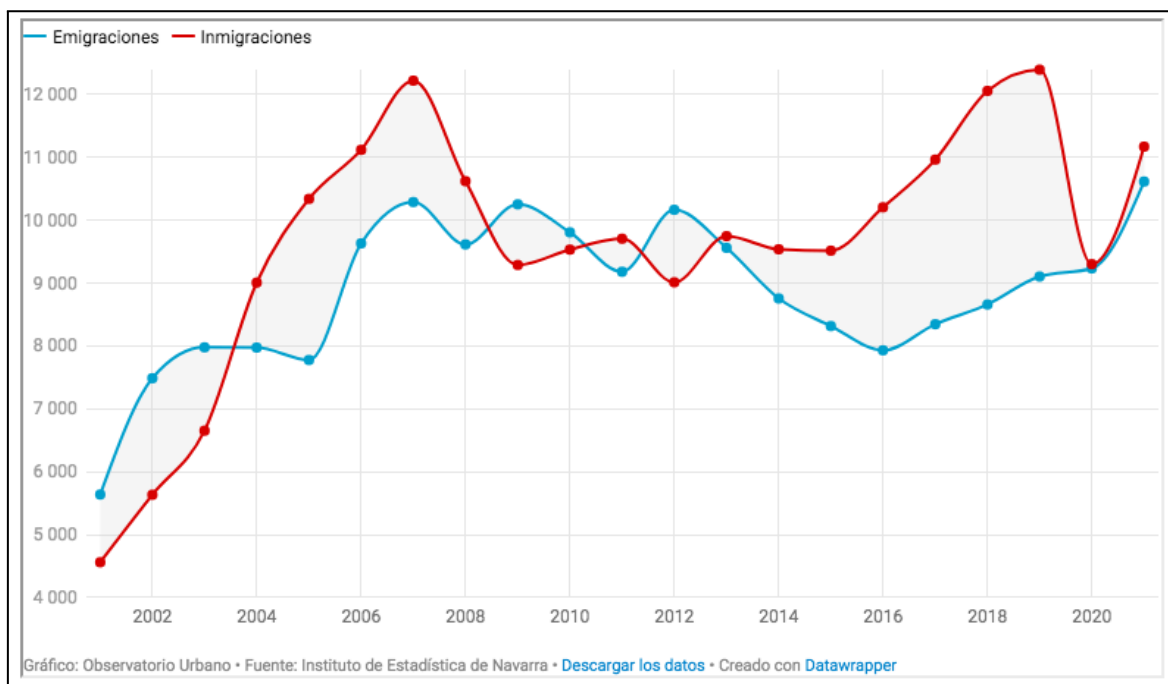
EVOLUCIÓN DE LA NATALIDAD, MORTALIDAD Y CRECIMIENTO VEGETATIVO A PARTIR DE 1975



Este gráfico me pareció relevante para esta investigación pero no entiendo exactamente a que se refiere con 'crecimiento vegetativo' y tampoco encontré explicaciones sobre el concepto.

⁴ <https://www.pamplona.es/la-ciudad/observatorio-urbano/poblacion-y-demografia/pamplona/poblacion>

EVOLUCIÓN DEL FENÓMENO MIGRATORIO DESDE 2001



Este gráfico también me pareció relevante por sus resultados que apuntan que la misma cantidad de gente que emigra a Pamplona simultáneamente emigra a la ciudad.

25.04.24

Hablé con Adriana sobre su trabajo mientras le ayudaba a preparar las cajas que serán utilizadas en la residencia.

Me contó de su trabajo “El Surco Debe Ser Proporcional al Goce” dónde trabajó con monjas de clausura y contaba de su fascinio hacia su dedicación/ devoción al trabajo de Dios. Dios siendo magia. Hablamos de cómo extrañamos la magia en Europa. Estábamos de acuerdo de que allí, del otro lado del Atlántico sentimos más fuerte la magia. Que aquí ya casi ha desaparecido. Es muy difícil encontrarla. Hablamos sobre ser de Madrid pero tener padres y madres que son de Sud América. Y el haber necesitado nuestro tiempo para digerir el racismo que se les dirigía.

30.04.24

Hoy fui al Museo Universidad de Navarra con Ian para grabar una de sus exposiciones: “Una tierra prometida. Del Siglo de las Luces al nacimiento de la fotografía”. Desde mi perspectiva esta exposición es un reflejo del pensamiento iluminista que influye en el pensamiento colonial occidental. El universo de los museos con exposiciones y colecciones oriundas de exploradores que buscaban estudiar y dominar el mundo a partir de clasificaciones y taxonomías. Esta mirada que exotifica lo que encuentra, lo estudia, lo dibuja, escribe sobre él, lo capturó, y se lo lleva a Europa, está totalmente

presente en la exposición. Para mi esta exposición es particularmente interesante porque los dibujos y libros expuestos que datan del siglo XVIII son muchos de flores, animales y piedras encontrados por diferentes estudiosos europeos en América del Sur, Oriente Medio o Asia. Estos dibujos que en su tiempo fueron hechos con el objetivo científico de registro, son a día de hoy expuestos por su valor artístico. La resignificación de estos dibujos, de documento a obra de arte, no acompaña una resignificación de los valores que se comparten por la narrativa expositiva. La exposición por ejemplo no aborda la relación entre este gesto de estudio de la naturaleza y de lo extranjero con un pensamiento colonial. Los personajes que componen la narrativa museográfica siguen siendo aclamados como héroes, hombres sabios, que se aventuraron a tierras lejanas y desconocidas en nombre de la ciencia. Pienso que los mismos textos que acompañan las imágenes expuestas podrían haber sido escritos en los años 90 del siglo XX y XIX. No hay una actualización crítica



sobre esta mirada mistificante que caracteriza tan fuertemente la forma como el Occidente ha tratado

históricamente a la naturaleza a su alrededor. La tendencia iluminista del hombre por encima de todos los demás seres vivos y no vivos sigue presente en la exposición sin ser cuestionada o traída al debate.

El texto que abre la exposición termina con la siguiente frase, que creo que es muy significativa de lo que considero un problema:

“[...] Ese Oriente al Sur, que define y construye prácticamente la imagen de estos países, visión que perdurará prácticamente hasta nuestros días en todo Occidente”.

No solo la visión occidental del Oriente y del Sur poco ha cambiado de cierta manera. Nuestra forma de relacionarnos con la naturaleza sigue bastante impregnada por un pensamiento del siglo XVIII.

Los estudios decoloniales se acercan a culturas y sociedades indígenas u originarios (términos que también han de ser cuestionados) y comprende que para muchos la relación con los animales, las plantas y hasta las piedras no se basa en una relación de subordinación, extractivista y utilitaria, sino que considera a todos seres como partes integrales de una narrativa en la que todos los elementos en la naturaleza no están categorizados, taxidermizados.

Y mientras eso ocurre, en las universidades y museos occidentales, seguimos con un discurso bastante parecido a los discursos del siglo XVIII.

Comentário de Ian:

Fiquei com essa atualização na cabeça: de desenho científico para obra de arte. É um pouco o percurso de muitas técnicas modernas de registro e documentação, como a fotografia e o cinema. Será que se pode pensar o inverso? Como a arte, o cinema, o fotografia, o desenho etc desfazem o cientificismo, e performam um entendimento do mundo que pode distribuir novos realismos, novas naturezas? Dito de outra maneira, como o viés artístico de uma mesma técnica pode revelar verdades mais profundas do mundo a nossa volta, aquelas que, por serem "subjetivas" ou "intuitivas" ou "qualitativas", eram eclipsadas dos discursos oficiais científicos? Será que esses desenhos contam outras histórias, que seus próprios criadores não pensavam contar?

04.05.24

Performance y Precariedad de Eleonora Fabião

Las performances son elogios a lo precario por que perturban mecánicas comportables, rutinas cognitivas y hábitos de valoración; porque desestabilizan sentido y desarman convenciones; porque inventan, a través de la ejecución de programas psicofísicos, nuevos cuerpos, posibilidades de encuentro, agrupamientos y devenires. Las performances son elogios a lo precario porque ponen en suspenso lo establecido. El trabajo del performer es revelar y valorizar la precariedad emancipadora de lo vivo. Precariedad que, en el cuerpo performativo, deja de ser una condición lamentable de

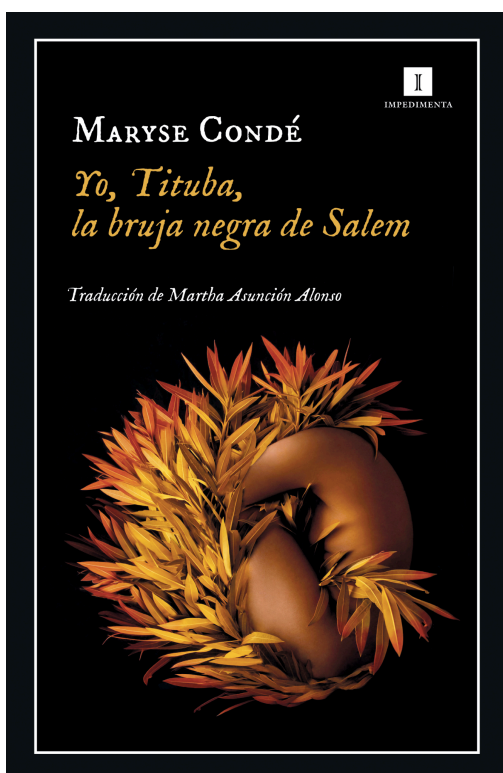
lo que está irremediabilmente condenado al tiempo para revelarse como potencia, pues el performer invierte en la potencial vital de la precariedad, en la condición de inestabilidad, relatividad e indefinición, en favor de la permanente renovación de sí, del medio y del arte. Gracias a la sagacidad conceptual y la dimensión política de sus actos, el pacto del performer con lo precario no conduce al deterioro, sino a la re-creación. Esta es justamente la maniobra filosófica, poética y política en cuestión. P.30

Un performer ni rechaza ni acepta la tradición artística occidental, sino que propone una nueva estética: una estética de lo precario, y así dialoga con la tradición (manteniéndola, reinventándola y aboliéndola simultáneamente). p.34

07.05.24

“Não acredito na imparcialidade. Acredito na intuição como metodologia de trabalho”Cosmovisão, cada contexto tem a sua visão sobre o mundo e é tão válida como qualquer outra visão do mundo. Quem tem mais poder é quem consegue fazer mais coisas” - Catarina, durante uma entrevista que fiz com ela hoje.

08.05.24



Extracto de Yo, Tituba, la bruja negra de Salem de Maryse Condé

Man Yaya me lo enseñó absolutamente todo sobre las plantas. Hay plantas para dormir. Las hay también para curar las heridas y las úlceras. Otras sirven para que las granujas confiesen sus fechorías. Las hay que se usan para sosegar al los epilépticos y ofrecerles un descanso feliz. Incluso hay algunas que sirven para que florezcan palabras de esperanza en los sabios de aquellos que solo conocen la furia, en los lacios de los desesperados y de los suicidas.

Man Yaya me enseñó a escuchar la forma que tiene el vientre de

desperezarse: se arremolina sobre las cabañas hasta que parece que va a hacerlas añicos.

Man Yaya me enseñó el mar. Las montañas y también los cerros. Me enseñó que todo está vivo y que todo posee un alma, un aliento. Que todo ha de ser respetado. Que el hombre, en realidad, no es ningún amo que recorre su reino a caballo, libre de hacerlo. p.22

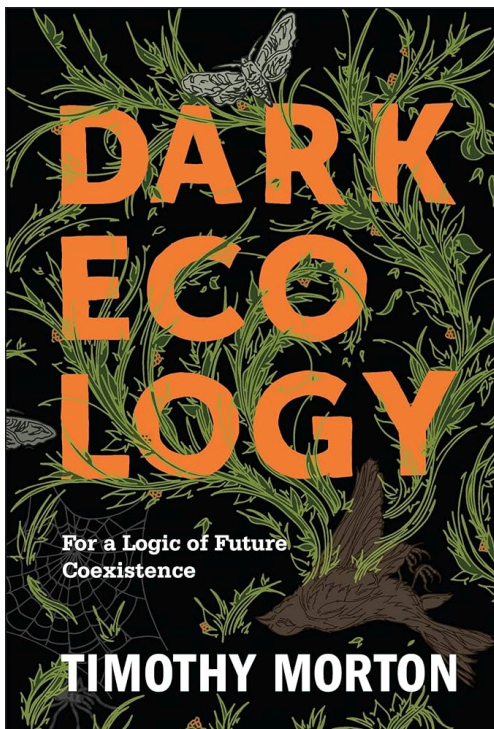
09.05.24

Extracto de 'Ecología Decolonial' de Malcolm Ferdinand.

A dupla fratura da modernidade ergueu um muro entre questões ambientais e questões coloniais. Esse muro não apenas esconde as continuidades entre ambientalismo e colonização mas também - e o que é ainda mais pernicioso - deixa supor que as lutas anticoloniais e antiescravistas diriam respeito somente aos colonizadores e aos próprios escravizados, que a busca por um mundo seria somente assunto dos negros designados ao porão na modernidade. P.182

10.05.24

Extracto de 'Dark ecology' de Timothy Morton.



How I learned to stop worrying and love the term 'Anthropocene'. Let's examine the modes of Anthropocene denial. First, the claim of colonialism: the Anthropocene is the product of Western humans, mostly Americans. It unfairly lumps together the whole human race. P.15

Secondly, racism. The user of Anthropocene is saying that humans as a race are responsible, and while this really means white humans, whites go unmarked. There is such a thing as the human. But human need not be something that is ontically given: we can't see it or touch it or designate it as present in some way (as whiteness or not-blackness et cetera). There is no

obvious, constantly present positive content to the human. So Anthropocene isn't racist. Racism exists when one fills in the gap between what one can see (begins starting engines and shovelling coal) and what this human thing is: the human is considered as a species, namely as a hyperobject, a massively distributed physical

entity of which I am and am not a member, simultaneously. (We'll see how there are Darwinian, phenomenological, and logical reasons for this violation of the "Law" of Noncontradiction). The racist effectively erases the gap, implicitly reacting against what Hume and Kant did to reality. Since their age of irreducible rift between what a thing is and how it appears, such that science handles data, not actual things. P.16

18.05.24

Em 'Coreografias Selváticas', Adriana Reyes faz um recorrido pelos diferentes estados que as plantas que ingeriu provocaram em seu corpo e em seu ser como um todo quando fez as experiências de ingestas no Perú. Por dez dias, Adriana ficou isolada do resto do mundo em cabanas em meio ao bosque, e não podia nem comer, nem beber, nem ouvir música, nem ter acesso a internet, nem conversar com outras pessoas. E se diz que ao ingerir a mesma planta por aquele período de tempo, ela nunca mais sai do seu corpo. Cada planta provoca diferentes reações. Cada planta altera seu corpo e seu estado de percepção do seu entorno e de si mesma. Por isso, em Coreografias Selváticas, somos apresentados aos diferentes seres que são criados pelos efeitos de cada uma das plantas.

El Tabaco

La Bobinsana

La Coca

La Mocura

La Uspawasha

La Lavanda

El Romero

La Abuta

El Ajo Sacha

Siete Palos

Ayahuasca

Cada uma provoca um mundo em seu interior. Cada uma grita diferentes canções e vozes que saem de sua boca. Todas elas ficam para sempre na ponta de sua língua. Adriana, carrega todas elas, suas forças e seus efeitos, para o resto de sua vida, e além, na ponta da sua língua.

Adriana dança, Adriana corre, Adriana canta, Adriana conversa com o público. Adriana se abre, se expõe, faz amor e faz show.